

Ana Maria Pimenta Hoffmann

**A ARTE BRASILEIRA NA II BIENAL DO MUSEU DE ARTE MODERNA
DE SÃO PAULO: O PRÊMIO MELHOR PINTOR NACIONAL E O
DEBATE EM TORNO DA ABSTRAÇÃO**

Universidade de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História
2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Ana Maria Pimenta Hoffmann

**A ARTE BRASILEIRA NA II BIENAL DO MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO: O
PRÊMIO MELHOR PINTOR NACIONAL E O DEBATE EM TORNO DA ABSTRAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de
História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas sob orientação do
Prof. Dr. Nelson Alfredo Aguilar

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 28 / 06 / 2002

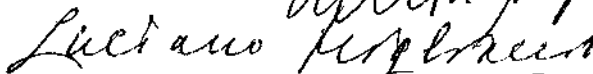
BANCA

Prof. Dr. Nelson Alfredo Aguilar (orientador)

Prof. Dr. Luciano Migliacio

Profa. Dra. Maria Lucia Bueno Coelho

Prof. Dr. Miguel Wady Chaia (suplente)



JUNHO/2002

15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

UNIDADE 30
Nº CHAMADA T/UNICAMP
H675a
V _____ EX _____
TOMBO BCI 50146
PROC 16-837102
C _____ D X
PREÇO R\$ 11,00
DATA 31/07/02
Nº CPD _____

- 4 -

CM00171164-2

BIB ID 249906

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Hoffmann, Ana Maria Pimenta

H675a **A arte brasileira na II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo: o prêmio melhor pintor nacional e o debate em torno da abstração / Ana Maria Pimenta Hoffmann -- Campinas, SP : [s.n.], 2002.**

Orientador: Nelson Alfredo Aguilar.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Di Cavalcanti, Emiliano, 1896-1976. 2. Volpi, 1896-1988. 3. Museu de Arte Moderna de São Paulo. 4. Bienal de São Paulo; (2.: 1953: São Paulo). 5. Arte e história - Brasil. 6. Crítica de Arte. 7. Arte abstrata - Brasil. I. Aguilar, Nelson Alfredo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Gostaria, primeiramente, de agradecer ao professor Nelson Aguilar pelo incentivo, paciência e generosidade.

Aos professores Luciano Migliacio, Maria Lúcia Bueno Coelho e Miguel Wady Chaia pela colaboração e solicitude.

Aos meus professores do Departamento de História da Unicamp, por formarem uma equipe exemplar, sempre incentivando os jovens pesquisadores.

Ao Cnpq pela bolsa concedida de março de 1996 a fevereiro de 1998.

Aos meus colegas da Unicamp que durante os anos que vivenciamos juntos, compartilharam comigo sonhos, informações e aprendizados, neste imenso universo que é a História da Arte.

As equipes dos arquivos e das bibliotecas que pesquisei, em especial do Arquivo Histórico Wanda Svevo (Fundação Bienal), da Biblioteca Lourival Gomes Machado (Museu de Arte Moderna de São Paulo) e da Biblioteca do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Aos meus amigos que sempre discutiram comigo tão entusiasmadamente as questões relativas à arte e à cultura do nosso país.

Aos meus pais e ao meu irmão, que sempre confiaram no meu trabalho e que, com tanto carinho, me apoiaram nos momentos de dificuldades e viveram comigo as alegrias, aos quais eu dedico este estudo.

RESUMO

Esta Dissertação focaliza a II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo que representa um alto momento da cultura brasileira, onde ao lado de outros eventos comemorativos do IV Centenário da cidade de São Paulo, possibilitou trazer ao público brasileiro e internacional uma ampla e bela exposição, com retrospectivas históricas e a ocorrência de uma acalorada competição para uma distribuição inédita de prêmios. onde destaca-se a divisão do prêmio de Melhor Pintor Nacional.

Este estudo destaca o amplo debate sobre arte abstrata ocorrido naquela ocasião. A presença de críticos internacionais de arte no Júri de Premiação, de representantes nacionais neste Júri, bem como de outros atuantes na imprensa possibilitaram o contraponto, dentro de um grupo bem diverso e ativo. Este debate é recuperado neste estudo, através de entrevistas de época, bem como de comentários da imprensa naquele momento.

Para contextualizar este debate a nível nacional, são recuperados os antecedentes que engrandeceram o cenário das artes plásticas no Brasil, destacando-se o Salão de Maio organizado por Flávio de Carvalho em 1938, a criação em São Paulo do Museu de Arte de São Paulo (Masp), em 1947, e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) em 1948 e a efervescência dos debates sobre a evolução da arte no país associados a estes eventos.

ABSTRACT

The 2nd Biennial at the Museu de Arte Moderna in São Paulo represents a very bright moment for Brazilian culture. At the occasion, several other events celebrated the 4th Centennial of the city of São Paulo. The 2nd Biennial presented a very fine collection, with several retrospective exhibitions and a much disputed contest for a series of new awards, being 'Best National Painter' the most remarkable.

The 2nd Biennial had several important antecedents, events that richly improved the arts scene in Brazil. Among them, the 'Salão de Maio', organized in 1938 by Flávio de Carvalho, and the foundation of both Museu de Arte de São Paulo (MASP) in 1947 and the Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), in 1948.

Several international art critics, important Brazilian critics and writers with strong presence in the newspapers composed the Award Jury. Thus, the jury was a very distinct and diversified group, which generated considerable impact on the press coverage. The critical debate ensued by the 2nd Biennial is therefore an important aspect of the present study.

ÍNDICE

Lista de Ilustrações.....	13
Apresentação.....	19
Antecedentes.....	23
As Primeiras Mostras e Debates sobre Arte Abstrata em São Paulo.....	30
I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo.....	52
II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo.....	71
As Salas Especiais.....	77
Sala Geral.....	101
Premiação.....	105
O Prêmio Melhor Pintor Nacional.....	111
A Arte Abstrata na Sala Geral da II Bienal.....	123
Crítica de Arte e II Bienal.....	141
Mário Pedrosa: defensor do abstracionismo no Brasil.....	145
Considerações Finais.....	153
Referências Bibliográficas.....	155
Anexos.....	165
Cronologia (1932 a 1954).....	167
Exposições do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1949 a 1954).....	173
Dados da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo.....	187
Dados da II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo.....	195
Entrevistas com Críticos de Arte Publicadas no Período.....	237
Entrevista com Artistas à Autora.....	255

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. Alexander Calder, Grande móbile branco, 1948, metal pintado, 158.0 x 220.0 x 90.0, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (página 27).
2. Lothar Charoux, Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros, Kazmer Féger, Luiz Sacilotto, Anatol Wladyslaw, *Ruptura*, 1950 (página 39).
3. Waldemar Cordeiro (1925 – 1973), *Estrutura Plástica*, 1949

12. Max Bill, *Unidade tripartida*, 1948/49, aço inoxidável, 114.0 x 88.3 x 98.2, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (página 69).
13. Capa do catálogo da delegação italiana e da sala especial do Futurismo (página 79).
14. Página interna do artista Giacomo Balla, com reprodução da obra Mercúrio passa diante do sol, 1914 no catálogo da delegação italiana e da sala especial do Futurismo (página 81).
15. Capa do catálogo da delegação holandesa na II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo - capa, 1953 (página

24. Cícero Dias (1907), *Sem Título*, 1951, óleo sobre tela, 80x53,4 cm, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (página 125).
25. Geraldo de Barros (1923 - 1998), *Fotoforma* (São Paulo, SP), 1949, Matriz-negativo (página 129).
26. Geraldo de Barros (1923 - 1998), *Ruptura*, 1952, Esmalte sobre kelmite, 54,8x48 cm, coleção Geraldo de Barros (página 131).
27. Geraldo de Barros (1923 - 1998), <

Coletiva, aristocrática e burguesa, ela [a pintura] já o foi. Tornar-se-á, então, simplesmente individualista, mas então o individualismo exprimirá a mais sólida das virtudes sociais, isto é, a solidariedade humana na sua essência irreduzível e eterna.

Mário Pedrosa

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste estudo é fazer uma avaliação histórica da arte brasileira na II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, realizada entre novembro de 1953 e fevereiro de 1954 e do debate em torno da arte abstrata.

A segunda edição da Bienal, pelo sucesso do empreendimento inicial e por ter sido incorporada às comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo, teve grandes proporções, com um número maior de delegações e com a criação, pelo então diretor artístico, Sérgio Milliet, das Salas Especiais,

Bienal, em 1951, também é considerada uma expressão do crescimento da produção de arte abstrata no Brasil.

Também já havia se acirrado o debate entre críticos e artistas, como na conferência do crítico argentino Jorge Romero Brest, no Museu de Arte de São Paulo, na do crítico René Huyghes, no Auditório da Biblioteca Municipal de São Paulo, e na palestra de Di Cavalcanti, intitulada “Realismo e Abstracionismo”, no Museu de Arte de São Paulo, todas realizadas em 1948, com grande repercussão na imprensa.

Com o objetivo

momento, que possibilitaram contato do meio com um acervo maior que o disponível até então.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, apresentam-se os antecedentes à II Bienal de São Paulo que foram considerados de interesse para a compreensão desta exposição. No segundo, é feita uma análise sobre fatos ocorridos na II Bienal e na arte brasileira, o modo de seleção dos artistas, os artistas premiados e o conjunto de artistas brasileiros com obras de caráter abstrato.

Finalmente, o terceiro capítulo traz um breve panorama da atividade crítica em torno da II Bienal e uma recapitulação da participação do crítico Mário Pedrosa, tanto no período abordado no texto como em sua visão histórica construída posteriormente.

ANTECEDENTES

A cidade de São Paulo, no imediato pós-guerra, assistiu a um impulso renovador no meio artístico, com a criação do Museu de Arte de São Paulo (Masp), em 1947, e do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) em 1948. Estes eventos, que poderiam ser considerados investimentos culturais e que, em certa medida, são fruto da prosperidade econômica e do espírito empreendedor de dois notáveis empresários – Assis Chateaubriand e Francisco Matarazzo Sobrinho – coincidiram com a internacionalização da arte abstrata. Sobre este contexto cito:

O fato é que, com tais incidentes, dissolveu-se o primitivo grupo organizador do Salão de Maio, realizando-se a exposição em 1939, já no segundo semestre desse ano, sob a exclusiva responsabilidade de Flávio de Carvalho, que tinha a secretariá-lo, com dedicação e eficiência, Carminha de Almeida, a nossa estimada Capitu. Institui-se uma 'Comissão de Aceitação de Obras', composta pelos seguintes elementos: Lasar Segall, Victor Brecheret, Antônio Gomide, Jacob Ruchti e Flávio de Carvalho. E como houvesse uma questão jurídica em jogo, e mesmo a perspectiva de possíveis procedimentos judiciais em jogo, o Terceiro Salão de Maio surgiu com um advogado a escudá-lo, com esse título e nessa função mencionado em seu Conselho Organ

A escultura móvel de Calder foi a primeira vez vista, no País, neste Terceiro Salão de Maio. O grande público nacional, portanto, teve nessa ocasião o ensejo de conhecer essas bizarras construções metálicas, que ao mais leve sopro se agitam, em graciosos movimentos de plantas subaquáticas. Somente em 1948, o artista americano viria expor os seus trabalhos no Rio. Mas não há dúvida que, num cotejo, a representação estrangeira ao Segundo Salão de Maio foi de nível superior. Aqui se apresentou um grupo realmente homogêneo de artistas, com os abstracionistas e surrealistas ingleses, todos de categorizada personalidade, o que já não

Nos anos 40, ocorreram uma certa efervescência cultural e uma sofisticação do debate crítico sobre arte, o que possibilitaria, entre outras iniciativas, a criação de instituições artísticas como o Museu de Arte de São Paulo (Masp) e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), bem como a implantação da Seção de Arte da Biblioteca Municipal de São Paulo, idealizada pelo crítico de arte Sérgio Milliet.

Um novo período da arte brasileira foi iniciado com a inauguração dos museus e a promoção das Bienais do Museu de Arte Moderna de São Paulo, iniciativas freqüentemente citadas como processo de atualização do meio artístico.

na Europa. Trouxe inclusive uma exposição completa do Max Bill, que não fez exposição em lugar nenhum naquele momento, só no Brasil com esta exposição retrospectiva, com toda a prática de Max Bill, e ele não era só pintor, era escultor, cartazista, gráfico, teórico.”⁴

O Museu de Arte Moderna de São Paulo, ao iniciar suas atividades com exposições e edição de catálogos com textos críticos, de nomes já históricos na arte brasileira, e ao promover a Bienal, onde na primeira versão foi convidado um conjunto de artistas consagrados que tiveram mostra retrospectiva de suas obras, fez uma espécie de avaliação histórica da arte moderna brasileira.

“A polêmica do realismo versus abstracionismo, desencadeada a partir de 1948, é consequência direta da politização do meio artístico, por sua vez decorrência da abertura propiciada pela redemocratização do País após a queda de Vargas. Já se prenunciara essa polêmica, conforme se viu, por ocasião da premiação de Mário Gruber na ‘Exposição dos 19 Pintores’, em 1947. Mas é a partir de novos eventos que surgem tanto no Rio como em São Paulo (e analisamos, em particular, os eventos ocorridos na capital paulista) que os ânimos se acirram na definição de posições em defesa do realismo, bem como na abertura no abstracionismo, que parece invadir,

Escreve Sérgio Milliet – sociólogo, crítico literário e de arte –, no jornal *O Estado de S. Paulo*, o artigo “Reflexões inatuais”:

“Contra os acadêmicos de 22 que nos impunham como normas definitivas da arte os modelos premiados nos salões oficiais, erguemos os postulados da pluralidade de expressão e sustentamos que a arte não estava nessas exteriorizações porém em elementos de ordem estética intrínseca: composição, invenção, expressão, sensibilidade. Vejo com desprazer agora alguns companheiros de luta sustent

confusas e apaixonadas. Não entrarei nelas pois pelas primeiras amostras sinto que não estão visando esclarecer o assunto, mas embrulhar os poucos esclarecimentos que dez anos de luta trouxeram ao público. Acontece ainda que por detrás dessa divergência que deveria ser de ordem estética se escondem dogmas ideológicos. E como não sou nem abstracionista, nem figurativista e vejo em ambas as tendências soluções admiráveis e realizações mediócras, prefiro conservar a liberdade de opinar, comentar ou divagar, segundo a qualidade e as sugestões do que for exibido nas galerias

este se dedicava, com brilho e sensibilidade, à crítica de arte. Não chegamos a um acordo, mas coisa espantosa, não nos xingamos tão pouco, e até hoje nos entendemos bem sobre muitos outros assuntos. Não vou repetir argumentação de outrora, porque me aborrece repisar o tema. Insistirei apenas em que se está confundindo influência nacional com influência geográfica, esta sensível à pintura, e substituindo a mensagem possível do pintor à realização pictórica propriamente dita. Ora uma coisa nada tem a ver com outra e não será por exhibir uma intenção nacionalista ou socializante que tal quadro terá maiores qualidades do que outro totalmente desinteressado. (...)

Reponde Ibiapaba Martins:

“Não pretendíamos voltar ao assunto se o Sr. Sérgio Milliet não tivesse concluído sua nota ‘Pingos nos iis’ com uma pergunta mais ou menos assim: ‘Não será mais útil sublinhar o que há de realização e malogro no abstracionismo ao invés de afastarmos sectariamente um deles?’. Feita a pergunta, teremos que responder e, assim fazendo, voltaremos forçosamente a algumas das afirmações expedidas ou deixadas em suspenso pelo autor de ‘Pintura quase sempre’. (...)

pelo autor, que teria seus artigos reunidos no livro *Abstraction, figuration: language et signification de la peinture*¹⁰.

Sérgio Milliet, um dos personagens centrais neste período de criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo, escreveu uma pequena introdução à mostra, em que declarava não ser adepto a nenhuma das tendências e falava sobre estética e história da arte, advertindo o público de “que não se deve olhar a obra de arte de um ponto de vista estreito e unilateral”¹¹. Fica claro como a polêmica em torno da arte abstrata coloc

não opinava contra ou pró, por ser um crítico e como tal não dispor ainda da necessária perspectiva histórica que possibilitasse um exame mais sereno da questão'), além, evidentemente, do organizador da exposição Leon Degand, e com a participação ativa de José Fernandes, Roland Corbusier, Oswald de Andrade Filho, entre outros."¹²

Exposição individual "Almir Mavignier", 1950, MAM-SP

Almir Mav

conforme o cânone impressionista, servia para criar na composição o desejado efeito metafórico da luz. (...)

É monótona a insistência do amarelo? É ainda imprecisa essa pintura quanto às virtualidades de expressões mais profundas evidentemente latentes no artista? Possivelmente. Mas a imprecisão, a monotonia não são necessariamente indícios de pobreza. Muitas vezes, ao contrário, é sinal de uma personalidade mais complexa que necessita acumular dificuldades ao próprio desenvolvimento antes de desabrochar em plenitude. Almir Mavignier tem apenas 25 anos e

Samson Flexor e o Atelier-Abstração

Samson Flexor mudou-se definitivamente para o Brasil em 1948, fixando-se em São Paulo, em 1949 expôs na Galeria Prestes Maia em São Paulo,. Motivado pelo crítico Léon Degand, então diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo, aproximou-se do abstracionismo de vertente geométrica. Flexor foi um importante aglutinador de outros artistas dispostos a estudar a arte abstrata.

Esta aproxima

de São Paulo de São Paulo, 1953; Atelier Abstração, 1954 (sendo que essa exposição foi a segunda do grupo, a primeira ocorreu em 1953 no IAB em São Paulo, SP); 27ª Bienal de Veneza (na representação brasileira organizada pelo MAM-SP), 1954.

Bienal de Veneza

Outro acontecimento significativo no desenvolvimento da arte abstrata brasileira e sua presença nas atividades do Museu de Arte

O Júri de Seleção seria constituído pelo presidente da Bienal, por dois membros eleitos por votação pelos artistas inscritos e por outros dois escolhidos pela diretoria. Figuravam, no Júri de Seleção de Artes Plásticas, Francisco Matarazzo (presidente da Bienal), Thomaz Santa Rosa e Quirino Campofiorito (eleitos pelos artistas).

Apresentou-se, no regulamento, a lista dos oito Prêmios Regulamentares: dois para cada uma das quatro modalidades (pintura, escultura, desenho e gravura), sendo um para a melhor obra de artista estrangeiro e outro para artista

A distribuição dos prêmios regulamentares e de aquisição foi assinada pelo Júri de Premiação, em ata de reunião de 22 de outubro de 1951. A decisão do Júri¹⁸ foi a seguinte:

PINTURA

Estrangeiros:

Roger Chastel - "Os namorados num café"

Robert Adams

Arnoldo Ciarrocchi

Nacionais

Oswaldo Goeldi

Marcelo Grasmann

Geraldo Barros

Mondrian, Tamayo, Kokoschka) para citar os primeiros nomes que me ocorrem.”³¹

³¹ MAURÍCIO, Jayme. “A Bienal de Veneza na Bienal de São Paulo: 50 anos de tradição analisam dois anos de entusiasmo e de trabalho – Rodolfo Pallucchini, secretário da Bienal de Veneza, comenta o certame de São Paulo – Outros problema artísticos”, Correio da Manhã, 11.12.1953.

grupo 'De Stijl' com um novo plasticismo, baseado num conceito filosófico da realidade que procurava no equilíbrio o seu absoluto.

A dialética de Mondrian levou talvez até suas últimas conseqüências a lição deixada pelo cubismo, fazendo a pintura aproximar-se de um limite asséptico em que dela quase desaparecem os resquícios da matéria orgânica. Bastaria, também, lembrar a influência destes pintores do 'De Stijl' nas idéias da escola Bauhaus, como contribuição poderosa à expressão arquitetônica moderna, para demonstrar a importância de suas idéias, talvez por demais avançadas para tão já serem assimiladas.”⁴¹

</

